ANUÁRIO

DO

Liceu Central de Aveiro

ANO LECTIVO DE 1915-1916

AVEIRO

Tip. Minerva Central

1917

ANUÁRIO

DO

Liceu Central de Aveiro

ANO LECTIVO DE 1915-1916

AVEIRO
Tip. Minerva Central
1917

Relatório

Alocução do Reitor na sessão solene da abertura do ano lectivo

---

Estatue o regulamento liceal que, em 16 de outubro, se faça a abertura solene dèste instituto. No ano corrente foi èste praso prorogado até hoje para dar margem à conclusão dos exames que *extraordinariamente* foram permitidos, na 2.ª epoca, e que só ontem termináram.

Para obedecer á letra do regulamento tive a honra de convidar-vos, pois só assim poderia dar solenidade e pompa a um acto de sua natureza tão simples e de mais a mais tão mal servido de oficiante, e com desgôsto, mas com costumada franquesa devo confessar-vos que fundamente me dôo por não possuir, ao menos hoje, êsse condão èsse poder prodigioso e quasi sobrenatural, essa magia que deriva da palavra fluente e persuasiva para, em testemunho de reconhecimento, pela vossa gentilesa, vos deleitar durante alguns minutos, concorrendo tambem na medida das minhas escassas aptidões para tornar solene êste acto que é incontestavelmente um dos mais honrosos do dificil encargo do reitorado com que os meus ilustres colegas se dignaram honrar-me.

Costumava eu apresentar-me aqui, singela-

mente, com a minha palavra espontânea e desataviada, porque sobre mim não sentia o pêso terrivel do adjectivo *solene*, mas sempre desejoso de harmonisar os mais singelos actos do reitor com as exigências da lei, lancei-me em investigação retrospectiva e apurei, por comparação, que esta fórma de expôr era a que, dada a insuficiencia dos meus dotes oratórios, melhor satisfação daria á exigência do adjectivo.

Tem, em meu entender, dois fins esta solene sessão: um atinente ao passado outro ao futuro.

Assim andamos sempre na vida, recordando com alegria ou saudade o que de nós distante vai, aguardando com esperançosa anciedade o que para nós misteriosa e velozmente vem.

Foi, incontestavelmente, para êste instituto um ano feliz, um ano de prosperidade material, o ano escolar que acabou, porque nêle acabaram de se realisar as aspirações de muitos anos, aspirações sempre mantidas com afinco e sempre ludibriadas sem piedade e sem razão.

Tinha a generosidade de um govêrno ilustrado e conhecedor das necessidades do ensino, agraciado em 1907 êste liceu, por sugestão de filhos ilustres dêste distrito com a importante quantia de 11:000 escudos para obras.

Essas obras, começadas com dificuldade, continuadas com morosidade e intermitência, e durante alguns anos paralisadas, fôram no ano presente recomeçadas, para o que se conjugaram esforços de *tantos* que me não é facil enumerálos e deixar-lhes aqui nominalmente o testemunho perduravel da nossa gratidão, com receio de que algum, por esquecido, se melindre.

Antes do Natal — creio eu — verão elas o seu têrmo com a conclusão do vasto ginásio que, no

terreno adjacente ao liceu se ergue, não diremos com magestade, porque detestamos exageros, mas com simplicidade e comodidade que dão gôsto.

As vidraças do edifício que ha 55 anos aguentavam as fúrias dos temporaes sem um leve reparo e que, na sua maioria, principalmente do poente, estavam a desfazer-se, foram todas reformadas e pintadas; e aos telhados, canalisações estuques e pinturas chegou tambem a sua vês.

Levantou-se na sala de sciencias um amplo anfiteatro, creou-se o laboratório químico, ampliou-se o material de sciências fisico-naturaes, e o que é ainda digno de menção — embora em alguns possa determinar o espanto — até se lavaram os pavimentos do edifício que quasi durante um ano não víram água, nem escôva, com a agravante de nêle andarem obras que diariamente o empoicalhavam, e não a víram, não por culpa nossa, mas... «do fado mau fortuna escura, sendo só providência de deus pura» como diz o nosso grande épico.

— Eis, a largos traços, para não cançar a vossa benévola atenção a história do progresso material dêste liceu.

Aos progressos materiaes, porém, *alguns* moraes, intelectuaes e educativos correspondêram, mas são, realmente, ainda de tão pequeno vulto que difícil se torna apresentá-los já, em schema perfeito e acessivel á compreensão de todos os presentes.

Uns respeitantes ao aproveitamento outros á disciplina, ambos concorrentes, é certo, para o desenvolvimento integral dos alunos, mas todos, infelizmente, apenas inscritos no capítulo dos infinitamente pequenos.

Dois únicos factos se encontram nêste capí-

tulo, dignos de menção especial: A *Ave rara distinto*, que desde 1913 havia abandonado estas paragens, reapareceu, e o prémio de 30 escudos, generosamente creado em 1908 pela Ex.^ma Direcção da Caixa Económica de Aveiro para comemorar o seu 50.º aniversário e denominado Governador Civil Nicolau Anastácio Betencourt, encontrou, pela segunda vez em sete anos, dois concorrentes.

São êles os alunos Mário Correia Teles de Araujo e Albuquerque e Manuel dos Reis que, no exame da 2.ª secção do curso geral dêste liceu, obtiveram a classificação de 16 valores — distinção.

A ambos poderia o Conselho Escolar ter tido a satisfação de conferir o referido prémio, visto que, não tendo sido conferido nenhum no ano anterior, tinha dois á sua disposição, mas o *mau procedimento* do aluno Manuel dos Reis, exarado em dois períodos do livro de registo de frequência e a sua irregular conduta escolar, excluiram-no, visto que o regulamento, para a concessão do referido prémio de 30 escudos, exige que a aplicação distinta se doure com o procedimento irrepreensivel.

De direito, pois, as minhas mais lisongeiras palavras, os meus mais calorosos elogios, as minhas mais sinceras felicitações, nesta sessão, pertencem ao aluno Mário Correia Teles cujo nome vai, pela segunda vez, ser inscrito no quadro de honra do liceu e cujo *retrato* vai, hoje, ser colocado na Sala do Conselho ao lado do dos alunos Francisco Ferreira Gomes e José Marques da Silva que em 1915 merecêram igual distinção.

Mas, conferindo-lhe êste prémio, aproveito o ensejo para lembrar a todos os alunos que êste estimulante se transforma em veneno perigosis-

simo, quando abre a porta ao desvanecimento ou sugere a enganadora crença de que os louros alcançados podem suprir esforços futuros.

Um diploma de distinção constitue a quem o recebe na obrigação de ser bondoso, modesto e trabalhadôr, convencendo-se de que mais subido é o merecimento dos que progridem pelo seu esfôrço do que o dos que se impõem pelas suas faculdades naturais.

Não estando ainda elaborada a estatística do movimento liceal do ano findo não posso, nêste momento, apreciar com exatidão, os resultados da frequência nas duas secções do curso geral, e, por isso, deixarei o passado e falarei um pouco do futuro.

E' especialmente aos que entram, aos 88 alunos que pela primeira vez subiram essa larga escada de granito que agora vou dirigir-me.

E' preciso que considereis que não são só as distinções de que, com tanto calôr, vos acabo de falar que tornam estimados os alunos. Muitos alunos ha, cujos nomes não figuram no quadro de honra e a quem não são conferidos diplomas de distinção, que se distinguem pela sua dedicação ao instituto, pelo equilibrio das suas faculdades, pela sua perseverança, pelo seu esforço para se educarem.

A êsses, que são o maior número, vou indicar, resumidamente, os seus principais deveres cujo cumprimento lhe dá o direito de se considerarem dignos da escola.

Acham-se esses deveres claramente determinados nos *mandamentos do bom aluno* feitos pelo

ilustrado reitor de um dos liceus de Lisboa, mandamentos que muito conveniente seria que fixassem profundamente na memória os alunos do liceu de Aveiro—aos quais constantemente tem sido preciso recordar nos passados anos, que vieram ao liceu para se educarem.

Eis os mandamentos:

O bom aluno do liceu ama a sua escola e contribui quanto pode para que ela se aperfeiçoe. — O liceu não é apenas um edifício, onde o aluno vem receber lições que pode repetir pelos livros. O liceu é uma corporação formada por alunos dirigidos por professores, tendo um reitor por chefe e empregados por auxiliares. Cada uma destas entidades é, de per si, impotente para realizar os fins da escola; esta obra é ao mesmo tempo de todos e todos são solidários na sua execução.

O bom aluno respeita a casa do liceu como a sua casa. — O edifício do liceu pertence ao Estado, e o Estado cede-o à corporação liceal, de que os alunos fazem parte, a fim de que dêle faça uso conveniente aos seus fins educativos. Assim, o aluno deve descobrir-se respeitosamente dentro do edifício do liceu, não deve sujar nem riscar ou deteriorar por qualquer outra forma as paredes, os móveis ou o material de ensino. Se o fizer, desfalca os bens da corporação a que pertence, bens que representam o produto do suor dos que trabalham, e constitui-se por isso no dever de pagar os estragos que fez.

O bom aluno sabe respeitar os seus mestres e obedece-lhes sem subserviência.—Os professores exercem uma função superior, uma espécie de direcção espiritual, que tem de ser olhada com respeito. Os alunos devem-lhes obediência, não uma obediência cega, passiva, como de cadáver, mas uma obediência raciocinada que se funda no convencimento de que obedecem para se conseguir a disciplina escolar. O espirito de insubmissão é incompatível com a educação na escola. O espírito de subserviência é uma baixeza moral da pior espécie.

O bom aluno respeita a sua integridade moral e a dos seus companheiros. — Evita os vícios e as más leituras e as más companhias e as más ocasiões que geram os vicios, e não proporciona aos outros as más leituras, nem as más compa-

nhias, nem as más ocasiões de se perderem. O mau livro é um veículo de veneno moral. Lê-lo é acção má, emprestá-lo é acção pior. As más companhias são a principal fonte de perdição para a mocidade. O bom senso, a inteligência e a bondade de cada um revela-se na escolha que faz das suas companhias. A principal ocasião de contraír o vício é a ociosidade.

O bom aluno respeita a sua saúde e procura ser forte e bem equilibrado, sob o ponto de vista físico. — Carecemos de ser saúdaveis e fortes por nós, pela família que poderemos constituir, pela Pátria que nos cumpre defender, pela Humanidade, para cujo aperfeiçoamento nos cumpre contribuír, pela Natureza, com cujos altos intuitos nos devemos identificar. Há vícios que arruinam a saúde.

O uso do tabaco é particularmente funesto aos rapazes novos, é para êles um tóxico, que lhes diminui a memória e enfraquece o cérebro. O melhor meio de evitar os vícios da mocidade é a cultura física bem dirigida.

O bom aluno não mente, não denuncia, nem consente que a outrem sejam atribuídas culpas que lhe pertençam a êle. — A mentira é sempre uma cobardia, a denúncia inculca alma sem nobreza; grande cobardia moral é admitir alguêm que um companheiro ou um grupo de companheiros sofram castigo por delito que êle cometeu. A queixa contra um companheiro perseguidor pode ser indispensável à legítima defesa, mas o recurso a ela deve ser cuidadosamente estudado por cada um, a fim de evitar que se use dela inconvenientemente. Os que praticam furtos ou desonestidades estão fora de toda a solidariedade; ninguêm deve hesitar em queixar-se dêles quando não se corrigem.

O bom aluno aproveita solícitamente todos os meios que o liceu lhe proporciona para se educar. — Acompanha as lições e revê-as cuidadosamente em casa. Tem os seus livros bem limpos e aceados. Completa os trabalhos das aulas com a observação de tudo quanto se lhe depara. Concorre ás visitas de estudo e ás excursões escolares, que são o melhor meio de desenvolver o espírito de observação e de alargar os seus conhecimentos práticos. Dedica-se metódicamente a todo o género de cultura física compatível com a sua idade, como o melhor meio de formar o carácter e fortalecer a vontade.

Dedica às boas leituras algum do tempo que lhe sobrar dos seus estudos ordenados e adestra-se nas artes de falar e

de escrever. Habilita-se a apreciar as manifestações artísticas, e èle próprio se dedica a aprender alguma arte para que tenha aptidões. Aperfeiçoa e educa os sentidos e aproxima-se mais da Natureza, amando os campos e os jardins, as árvores e as flores.

Todo o aluno que souber compreender e quizer praticar èstes salutares preceitos terá como recompensa a consideração e estima dos seus professores factores indispensaveis para a consecução do fim que para aqui os trouxe.

Os que se não sentirem com disposição para os acatar melhor é que, imediatamente, mudem de rumo, aproveitando com vantagem em outro labôr os nove meses que, inevitavelmente, aqui perderiam com desdouro para si e para os seus.

E' preciso que á *cábula*, que tão bem se tem aclimado aqui seja feita dura perseguição, elevando-se o conhecimento de todas as disciplinas a um nivel tal que obste a que èste liceu seja vasadouro de toda a escória de outros.

E' preciso que os *maus alunos* se convençam de que, se dedicassem a um estudo regular—metade, apenas metade do tempo que perdem em escogitar os módos e meios de cabular impunemente, — ficariam, sem favor algum, aprovados e até alguns distintos.

E, como vejo presentes alguns encarregados de educação, consintam que lhes peça que não contrariem em casa a obra educativa do liceu, com a intervenção de explicadores, que, substituindo-se aos alunos nos trabalhos de revisão, resolução de problemas e execução de exercícios, destroem todo o estímulo, iniciativa e trabalho pessoal.

Todo o trabalho deve ser feito nas aulas nas

primeiras classes, sob a direcção do professor. Não ha lições para estudar em casa.

O trabalho doméstico consiste na simples revisão do que na aula foi estudado, e na ordenação dos cadernos de exercícios, sendo inutil, senão prejudicial, a intervenção do explicador.

Para um outro ponto chamo tambem a vossa atenção — é para a repugnância que muitos alunos — quasi todos — e alguns pais manifestam pela educação física, procurando furtar-se a ela com mil pretextos futeis, sem se quererem lembrar do velho prolóquio *«mens sana in corpore sano»* que em português quere dizer que a saúde da alma deriva da saúde do corpo.

Hei-de, nêste ano prestar-lhe a maior atenção, visto que o seu templo está a concluir-se e não é justo que tanta despesa fique improfícua.

E a vós, senhores professorres e queridos colegas, cuja presença aqui tem uma significação altissima, porque é um exemplo de respeito pela lei e uma prova evidente do vosso interêsse pela educação dos alunos, sem o qual a minha missão seria impossivel; peço-vos que, sôbre tudo, presteis especial atenção á formação e aperfeiçoamento do carácter dos alunos porque é issencialmente o carácter que faz o homem.

Um homem sem carácter é uma individualidade apagada, sem vontade, sem valôr e sem futuro.

Quantos homens perdem pelo seu mau carácter a consideração a que teriam direito pelo seu talento?

E' pela falta de carácter que as sociedades se dissolvem, e, nos tempos calamitosos de abaixamento de caracteres, basta que um homem se mantenha de pé para que pareça um gigante.

E, agora que terminei a primeira lição do novo ano escolar, agradeço-vos com reconhecimento a benévola atenção com que me escutastes, e, para terminar esta solenidade, peço ao snr. P.e Leitão, encarregado da educação do aluno Correia Teles, o favôr de descerrar a cortina que encobre o seu retrato, e a todos os que honraram esta festa com a sua presença, a fineza de me acompanharem nas palmas com que vou ter a satisfação de festeja-lo.

Alocução do Reitor na sessão solene de 10 de Junho

Minhas senhoras,
Meus senhores,
Caros colegas,
E estudiosos alunos:

Foi-me recomendado, no ano pretérito, pelo ex.mo Ministro da Instrução que, em 10 de Junho, aniversário da *morte* do *imortal* cantor das nossas glórias, encarregasse a um dos snrs. professores dêste liceu a elaboração de uma conferência demonstrativa do altíssimo valor dos Luzíadas, poema que, ao mesmo tempo que é um compêndio palpitante e verdadeiro do esfôrço, da heroicidade, do patriotismo e da fé de um povo, é a mais perfeita e completa síntese de uma brilhantíssima civilisação.

Razões ponderosas obstaram a que a palavra fluente e erudita do colega, encarregado dessa honrosa missão, aqui se fizesse ouvir, e tive eu de suprir com os meus minguados recursos, que então se exibiram por imperiosa necessidade, essa falta que ainda hoje recordo com estas palavras de sentimento que, felizmente, nêste ano, são uma *demasia*, por que, como se vai vêr e ouvir, não falta quem, com frase alevantada nos venha recordar êsse grandioso e delicioso sonho que Alcacer-Quibir rudemente epilogou, sonho que um incomparavel génio sal-

vou do esquecimento, derramando-o em estrofes do mais encendrado patriotismo pelos mais remotos confins da terra.

Nèste ano quizéram os alunos dèste liceu associar-se a esta patriótica comemoração, colaborando nela ostensivamente, pelo que, depois de lhes deixar aqui expresso o nosso caloroso louvor, eu poderia e deveria mesmo remeter-me ao silêncio; mas, já que me cabe a honra de abrir esta sessão, consinta-se-me que, sem pretenções de lhe recrescer o brilho, pois para isso me falta merecimento, embora me sobeje vontade, tambem queime no turíbulo algumas minguadas parcelas do meu pobre incenso.

Minhas senhoras,
E meus senhores:

Os povos, como as famílias, como os indivíduos, tem períodos de deslumbrante prosperidade, ou de acabrunhante desdita, que uns aos outros se sucedem, como os dias se sucedem ás noites e os filhos aos pais, produto forçado de qualidades ingénitas que variadissimos factores géram, resultado fatal da sua bôa ou má orientação.

Este viçoso cantinho de terra que o esforço hercúleo de um grande príncipe conseguiu, ha quasi oito séculos, subtrair a visinhos poderosos e inscrever com brilhantes caracteres no rol das nações da Europa com o nome *másculo* de Portugal, e que os seus sucessores engrandeceram, organisaram, consolidaram e estenderam pelos mais remotos confins da terra; èste fértil rincão que a bafagem do mar, de norte a sul, amenisa, que o frémito das ondas, de dia e de noite, acalenta, que os doirados raios do sol constantemente aquecem em primavera quasi perene, que a natureza, em suma, dotou com excepcionais condições de vida; èste povo simples que a crença cristã tornou homogénio e forte, que os azares da guerra concretizaram e endureceram, que o mar chamou para a *aventura* e que a *aventura* tornou grande, respeitado e *venturoso;* èste povo teve,

como todos os outros povos, dias fastos e nefastos, épocas de esplendor e de decadencia, momentos de doida alegria ou de angustioso sofrimento.

Com a ponta da valorosa espada escreveu-lhe o destemido e astucioso Afonso o nome no mapa da velha Europa; com a lira afinada e amorosa poliu o brando Diniz as asperezas da sua dura língua; com a inflexibilidade do seu caracter e resistencia do seu braço consolidou-lhe o 1.º João a independência e abriu-lhe a porta para a expansão além-mar; com feroz tenacidade e tino maquiavélico o engrandeceu o 2.º João, lançando as bases do seu futuro poderio, tornando-o temido e respeitado; e, com inveja de muitos e poderosos reis, o viu o 1.º Manuel chegar ao fastígio da glória, tornando-se em palpitant realidade o sonho sedutor de tantas gerações heróicas.

Tudo foi crescer até êste momento venturoso, e, infelizmente, excepcional e passageiro, momento que, na vida mundial, teve uma tão grande significação e influencia que bastou para vincular, para sempre, o glorioso nome português á história da humanidade.

Foi uma época de grandesas tais e tantas que, hoje, se as não comprovassem padrões perduraveis e inconfundiveis, com facilidade se entraria na convicção de que as haviamos auferido e gosado em delicioso e estonteante sonho. Foi tão potente êsse impulso que, ainda agora, a três largos séculos de distância, nos vai amparando na via dolorosa que atravessâmos.

Mas para que me demorar mais na evocação dêsse passado brilhante e saudoso com que a nossa alma, sempre sonhadora, constantemente se enebria, fazendo-nos esquecer que, se para chegarmos a tal culmináncia se gastaram séculos, poucos anos bastaram para preparar a catástrofe.

Quem tantas riquezas desperdiçou já no reinado nefasto de João III esmolava empréstimos sucessivos em todas as côrtes que ainda, há pouco, deslumbrára; a corrução desvirtuava as finas qualidades do caracter nacional, a população baixava a metade, os preços dos géneros triplicavam, a mendicidade crescia

assustadoramente e a fome batia-nos á porta, acompanhada da peste que completava a ruína!

Pervertidos pelo luxo, corrompidos pela peste e pelas doenças ultramarinas, embriagados pelo misticismo, despedaçados todos os tecidos vitais e todos os vínculos morais, estendemos, quasi sem resistencia, os pulsos ás algemas Castelhanas, e, em 25 de Agosto de 1580, de poderosos senhores nos convertemos em miseraveis escravos.

Dizer o que foram èsses sessenta anos de cativeiro é evocar todo um passado de vergonhas, de vexames, de ruínas e de protérvias; é narrar a história de um longo e aviltante martírio, expiação merecida e necessária para, no termo, entrarmos com honra no convívio das nações independentes.

Sessenta anos! sessenta interminaveis anos foram precisos para sacudir èsse abominavel jugo que uma longa série de èrros, de fraquèsas e de crimes, artificiosamente nos preparou.

Mas, para nossa honra, são ainda os descendentes dessa raça forte que fundou o reino, devassou os mares e avassalou continentes; são ainda os descendentes dèsses Barões assinalados que, num sublime arranco de patriotismo, arriscando tudo, partem as duras algemas que nos arroxeavam os pulsos, escrevem uma das páginas mais belas da história portuguèsa e mostram ao mundo que o braço *a quem Neptuno e Marte obdeceram* ainda sustenta, com firmeza, o montante dos heróis de Aljubarrota.

E a quem se devem tais milagres de heroismo? Que misteriosa fòrça levou um tão peqeuno povo a tão desproporcionados e extraordinários cometimentos?

E' bem facil a resposta: foi o simples e natural impulso do mais nobre sentimento de que é susceptivel o coração humano—o *amor da pátria!*

Esse sentimento mimoso e perfumado, èsse sentimento que o maior dos portuguèses do século XVI, com tanto ardôr exaltou, deixando dèle eterno e veemente testemunho no mais vasto e sublime poema que o génio de um homem urdiu; èsse sentimento sublimado nunca, felizmente, se extinguiu em co-

rações portuguêses, nem mesmo nas horas de maior prostração e desalento.

E é, em grande parte, aos Lusíadas que, no dizer de um grande escritor, *são os deuses penates da nacionalidade portuguêsa*, que tal milagre se deve.

Foram os Lusiadas a pátria de João Pinto Ribeiro e de tantos outros nos tempos calamitosos da opressão, foi, lendo-os e comentando-os, que se criou essa alma privilegiada que nos arrancou ao cativeiro, e foi nessa *pedra momumental* que afiaram as suas espadas de combate os conspiradores de 1640.

Os Lusíadas — na frase exacta e vibrante de um escritor notável — celebram a pátria com todas as energias, com todos os característicos que a individualisam e assinalam: — as origens, a língua, a religião, a poesia, a história, a politica, a geografia, o solo, a paisagem, os temperamentos, as paixões, os mitos e as lendas.

E continua: póde dizer-se que foi Camões quem criou a língua tal como ainda hoje ela se escreve e se fala, disciplinando-a, enobrecendo-a, dobrando-a a todas as fórmas, tornando-a um dos mais poderosos e dos mais belos instrumentos das literaturas modernas. A poesia, na fórma culta e literária, foi êle que a tornou compreensivel e nacional, baseando-a na tradição do lirismo popular, libertando-a do convencionalismo clássico, dando-lhe os metros que mais quadram á locução vernácula, á fala, á cantiga, ao ouvido... escrevendo-a não para os eruditos mas para o povo.

MINHAS SENHORAS,
E MEUS SENHORES:

Pelo nosso esfôrço heróico criámos, é certo, um grande império, conquistámos um logar de destaque entre os povos civilisados, prestámos á Europa um relevantissimo serviço, libertando-a da fúria sanguinosa de Mahomet II, e afirmámos pela nossa aptidão e actividade o direito a uma existência autónoma

entre os povos civilisados; mas de tudo isso, de todas essas grandêsas nada restaria já, porque outros povos as tiveram semelhantes ou iguais e cobre-os o denso manto do esquecimento, se Camões não houvesse imortalisado sob a fórma épica êsse facto culminante da civilisação dêsses tempos heróicos.

Sem essa maravilhosa epopeia resumo precioso de todas as influências intelectuais do seculo XVI, fecho admiravel e admirado com que a poesia universal encerra o periodo épico, sem ela, de tanta grandesa, apenas restaria memória duvidosa em crónicas que só eruditos leriam.

Com ela a poetisada recordação das grandezas passadas continuou sempre a emocionar profundamente a alma portuguêsa, não consentindo que o fulgor da grande imagem da pátria se velasse um só instante, perpetuando essa doce esperança de resurgimento que é, ainda hoje, incitante apanágio de todos nós.

E' porque o amor da pátria é o sentimento mais natural, mais doce, mais duradouro e mais moralisador.

A pátria é o tesoiro das nossas riquezas, dos nossos afectos, das nossas saudades e das nossas esperanças.

Foi o amor da pátria que venceu em Ourique e Aljubarrota, que nos deu Ceuta e nos levou á India, que escreveu as Décadas e os Lusiadas.

E é ainda o amor da pátria que aqui nos reune hoje, concorrendo, na medida das nossas forças, para a obra de educação cívica, que, mais do que nenhuma outra, deve merecer os nossos disvélos.

O amor da pátria não é uma concepção poética do nosso espírito, e, que o não é, claramente o demonstram, na tempestuosa hora presente, essa desgraçada Bélgica, essa atormentada Sérvia, esse cavaleiroso rei Alberto, cem vezes mais prestigioso agora que a coròa do sacrifício lhe cinge a fronte, essa nobre e heróica abnegação da França, essa tenaz, cruel e criminosa ofensiva dos impérios centrais, toda essa imensa coorte de assombrosos infortúnios que, abalando profundamente os alicerces

da velha Europa, despertaram todas as virtudes heróicas que se consubstanciam no amor da pátria.

Essa temerosa conflagração é um caro, duro e doloroso ensinamento para todos, e exige que nos unâmos num anceio de ordem, de solidariedade, de justiça e de amor, para que, terminada ela, não sejamos sepultados na colossal derrocada e possâmos sempre gritar com toda a força do nosso entusiasmo: — Viva Portugal!

Falaram depois os alunos Horácio Seabra, Américo de Oliveira e Eduardo Cancela da 5.ª classe, e recitáram poesias as alunas Maria Candida Rodrigues Ferreira da 1.ª classe, Herminia Rosa Dias Limas da 2.ª, Eduarda Miranda da 3.ª e o aluno Francisco da Silva Mendes da 2.ª, encerrando a sessão, com um brilhante discurso, o professor Agostinho Caetano Silvestre de Souza, discursos e recitações que não é possivel reproduzir, porque alongariam muito este relatório.

Organisação e estatistica

(Regimen de 29 de Agosto de 1906)

PESSOAL

Reitor

Alvaro de Moura Coutinho de Almeida de Eça.

Corpo docente

PROPRIETÁRIOS

Elias Fernandes Pereira, com o curso da Escola Médica do Porto, Professor do 5.º grupo e director da 5.ª classe.

Alvaro de Moura Coutinho de Almeida de Eça, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Professor do 1.º grupo e director da 1.ª turma da 1.ª classe.

José Rodrigues Soares, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Professor do 2.º grupo e director da 4.ª classe.

Padre *Manuel Rodrigues Vieira, Professor do 4.º grupo e director da 1.ª turma da 2.ª classe.*

Alexandre Ferreira da Cunha e Sousa, Professor do 3.º grupo.

Eduardo Silva, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Professor do 1.º grupo e director da 2.ª turma da 1.ª classe.

Luiz de Brito Monteiro Guimarães, Bacharel formado em Filosofia pela Universidade de Coimbra, Professor do 5.º grupo e director da 3.ª classe.

João Ferreira Gomes, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Professor do 1.º grupo e director da 2.ª turma da 2.ª classe. (1)

INTERINOS

Agostinho Caetano Silvestre de Sousa. (Alemão).

Antonio Felizardo. (Ginástica).

PROFESSOR JUBILADO

João da Maia Romão, com o curso da Real Academia de Belas Artes do Porto.

SECRETARIA

Secretário—Elias Fernandes Pereira, professor do Liceu.

EMPREGADOS MENORES

Porteiro—José do Nascimento Correia.
Continuo—Fernando de Sousa Maia.

---

(1) Adido ao Quadro, por transferencia do extinto Liceu de Amarante.

Ano lectivo de 1915-1916

Relação das faltas dadas pelo pessoal docente

Nomes	N.º de faltas	Mezes em que foram dadas as faltas	Motivo das faltas
Luiz de Brito M. Guimarães	Todos os dias de 5 a 23	Dezembro	Impedido no Parlamento
» » » » »	Idem 3 a 31	Janeiro	»
» » » » »	Idem 1 a 29	Fevereiro	»
» » » » »	Idem 1 a 31	Março	»
» » » » »	Idem 1 a 15 e de 25 a 29	Abril	»
» » » » »	Idem 1 a 31	Maio	Por doença
» » » » »	Idem 1 a 7	Junho	»
João Ferreira Gomes	uma	Março	Não justific.

Disciplinas que constituem o curso geral dos liceus (1.ª e 2.ª secções), sua distribuïção pelas classes e horas de lição destinadas, por semana e por classe, a cada disciplina

QUADRO I

Curso geral — 1.ª secção

Disciplinas	1.ª classe	2.ª classe	3.ª classe	Total
Português	5	4	3	12
Francês	4	3	3	10
Inglês ou alemão	—	4	4	8
Geografia e História	3	3	2	8
Sciências físicas e naturais	3	2	4	9
Matemática	5	4	4	13
Desenho	3	3	3	9
	23	23	23	69
Educação física	3	3	3	9
	26	26	26	78

QUADRO II

Curso geral — 2.ª secção

Disciplinas	4.ª classe	5.ª classe	Total
Português	3	3	6
Latim	3	3	6
Francês	2	2	4
Inglês ou alemão	3	3	6
Geografia e História	2	2	4
Sciências físicas e naturais	4	4	8
Matemática	3	3	6
Desenho	3	3	6
	23	23	46
Educação física	3	3	6
	26	26	52

Organisação das classes

Horário

Classes	Turmas	Disciplinas	Dias da semana destinados às lições						Tempo de cada lição (HORAS)	Professores encarregados de reger	Directores de classe
			Segundas	Terças	Quartas	Quintas	Sextas	Sabados			
PRIMEIRA	Primeira	Matemática	»		»		»		9.30—10.25	Ferreira Gomes	Alvaro de Eça
		»		»				»	11.45—12.40	»	
		Português	»	»	»			»	1—1.55	Alvaro de Eça	
		»					»		11.45—12.40	»	
		Francês		»				»	10.35—11.30	Eduardo Silva	
		»	»		»				11.45—12.40	»	
		Ciencias naturais	»		»		»		10.35—11.30	Elias Pereira	
		Geografia		»				»	9.30—10.25	Alexandre da Cunha	
		»					»		1—1.55	»	
		Desenho	»		»				2.20—3.50	Rodrigues Vieira	
	Segunda	Matemática	»						9.30—10.25	Elias Pereira	Eduardo Silva
		»		»				»	10.35—11.30	»	
		»			»				1—1.55	»	
		»					»		11.45—12.40	»	
		Português	»	»	»			»	»	Alvaro de Eça	
		»					»		10.35—11.30	»	
		Francês	»		»				»	Eduardo Silva	
		»		»				»	9.30—10.25	»	
		Ciencias naturais	»	»					1—1.55	Elias Pereira	
		»					»		9.30—10.25	»	
		Geografia e História		»	»				»	Eduardo Silva	
		»					»	»	1—1.55	»	
		Desenho		»			»		2.20—3.50	Rodrigues Vieira	
SEGUNDA	Primeira	Inglês	»						9.30—10.25	Rodrigues Soares	Rodrigues Vieira
		»		»					11.45—12.40	»	
		»			»				1—1.55	»	
		»						»	10.35—11.30	»	
		Alemão	»						9.30—10.25	Agostinho de Sousa	
		»		»					11.45—12.40	»	
		»			»				1—1.55	»	
		»				»			10.35—11.30	»	
		Matemática	»						»	Brito Guimarães	
		»		»				»	9.30—10.25	»	
		»					»		10.35—11.30	»	
		Português	»		»			»	11.45—12.40	Rodrigues Vieira	
		»		»					10.35—11.30	»	
		Francês	»						1—1.55	Rodrigues Soares	
		»			»		»		9.30—10.25	»	
		Geografia e História		»				»	1—1.55	Alexandre da Cunha	
		»					»		11.45—12.40	»	
		Ciencias naturais			»				10.35—11.30	Alvaro de Eça	
		»					»		1—1.55	»	
		Desenho		»			»		2.20—3.50	Ferreira Gomes	
	Segunda	Português	»		»				9.30—10.25	Rodrigues Vieira	Ferreira Gomes
		»		»					11.45—12.40	»	
		»					»		1—1.55	»	
		Inglês	»				»		10.35—11.30	Rodrigues Soares	
		»		»				»	9.30—10.25	»	
		Matemática	»		»		»	»	11.45—12.40	Brito Guimarães	
		Geografia e História	»		»				1—1.55	Alexandre da Cunha	
		»					»		9.30—10.25	»	
		Ciencias naturais		»				»	10.35—11.30	Alvaro de Eça	
		Francês		»				»	1—1.55	Rodrigues Soares	
		»			»				10.35—11.30	»	
		Desenho			»			»	2.20—3.50	Ferreira Gomes	
TERCEIRA		Ciencias naturais	»						9.30—10.25	Brito Guimarães	Brito Guimarães
		»		»					10.35—11.30	»	
		»			»		»		1—1.55	»	
		Matemática	»		»				10.35—11.30	Agostinho de Sousa	
		»		»					9.30—10.25	»	
		»						»	1—1.55	»	
		Inglês	»		»				11.45—12.40	Alexandre da Cunha	
		»					»	»	10.35—11.30	»	
		Alemão	»			»			11.45—12.40	Agostinho de Sousa	
		»			»				1—1.55	»	
		»						»	10.35—11.30	»	
		Português	»	»					1—1.55	Eduardo Silva	
		»					»		9.30—10.25	»	
		Geografia e História					»		11.45—12.40	Rodrigues Vieira	
		»						»	9.30—10.25	»	
		Francêz		»				»	11.45—12.40	Alexandre da Cunha	
		»			»				9.30—10.25	»	
		Desenho		»				»	2.20—3.50	Elias Pereira	
QUARTA		Francês	»						9.30—10.25	Alexandre da Cunha	Rodrigues Soares
		»		»					10.35—11.30	»	
		Português	»				»		»	Ferreira Gomes	
		»						»	9.30—10.25	»	
		Matemática	»						11.45—12.40	Elias Pereira	
		»			»				9.30—10.25	»	
		»						»	1—1.55	»	
		Ciencias Naturais	»						»	Brito Guimarães	
		»		»					11.45—12.40	»	
		»			»			»	10.35—11.30	»	
		Latim		»					9.30—10.25	Ferreira Gomes	
		»			»		»		1—1.55	»	
		Geografia e História		»					»	Rodrigues Vieira	
		»					»		9.30—10.25	»	
		Inglês			»		»	»	11.45—12.40	Rodrigues Soares	
		Alemão			»		»	»	»	Agostinho de Sousa	
		Desenho	»			»			2.20—3.50	Ferreira Gomes	
QUINTA		Português	»						9.30—10.25	Eduardo Silva	Elias Pereira
		»			»				1—1.55	»	
		»					»		10.35—11.30	»	
		Francês	»		»				»	Alexandre da Cunha	
		Inglês	»						11.45—12.40	Rodrigues Soares	
		»		»					10.35—11.30	»	
		»					»		1—1.55	»	
		Geografia e História	»						»	Rodrigues Vieira	
		»						»	10.35—11.30	»	
		Matemática		»				»	9.30—10.25	Elias Pereira	
		»			»				11.45—12.40	»	
		Latim		»			»	»	»	Eduardo Silva	
		Ciencias naturais		»				»	1—1.55	Brito Guimarães	
		»			»		»		9.30—10.25	»	
		Desenho			»		»		2.20—3.50	Agostinho de Sousa	

Relação dos alunos da 1.ª classe (2 turmas)

Numeros	Nomes	Naturalidade		Annos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Albino Domingues de Sá	Canelas	Estarreja	11
2	Amilcar Amador	Murtosa	Estarreja	11
3	Antonio da Costa Ferreira	Vera Cruz	Aveiro	12
4	Antonio Pereira S. Branco de Melo	Vera Cruz	Aveiro	10
5	Arnaldo Ribeiro da Graça	Alquerubim	Alb.ª a Velha	12
6	Eduardo Simões de Pinho	Ague	da	13
7	Francisco José F. de M. P. Duarte	Lapa	Lisboa	10
8	Francisco Pinheiro Mourisca	Albergaria-	a-Velha	14
9	João Amador de Moura	Beduido	Estarreja	12
10	João da Cruz Pinto Cura Rachão	Vera-Cruz	Aveiro	10
11	Amadeu de Lima Freire	Albergaria	a-Velha	13
12	João Machado Baptista	Alca	nena	11
13	João Pinto Barros de Miranda	Avei	ro	15
14	João Simões Ferreira	Requeixo	Aveiro	17
15	Joaquim Maximo Brito Flores	Pena	fiel	10
16	Jorge Nogueira de Pinho	Angeja	Alb.ª a-Velha	10
17	José Augusto da Costa	S. João da Madeira	O. de Azemeis	14
18	José Cachim Junior	Ilha	vo	11
19	José Cardoso Cancela	Arcos	Anadia	11
20	José Corrêa Pinto	S. José Bolama	Guiné Portugueza	12
21	José Fernandes Matias	Ilha	vo	11
22	José Lopes Rodrigues	Valega	Ovar	10
23	José Nogueira da Costa Branco	Gloria	Aveiro	11
24	José Pinto de Oliveira	Pará	Brazil	12
25	Luiz Pereira Cajeira	Ilha	vo	14
26	Luiz Tavares Barata	Trofa	Agueda	11
27	Lutero Corrêa Rosa	Gloria	Aveiro	11
28	Manuel Augusto Simões Carrelo	Cacia	Aveiro	12
29	Manuel Inocencio Estrela Esteves	Vera Cruz	Aveiro	10
30	Manuel Machado Saldanha	S. Catarina	Lisboa	9
31	Manuel Pedro da Conceição Junior	Avei	ro	11
32	Manuel de Oliveira	Gloria	Aveiro	12
33	Manuel de Figueiredo Paixão	S. Pedro	Trancoso	11
34	Manuel Baptista de Pinho	Aradas	Aveiro	13
35	Manuel Bernardo Balseiro	Ilha	vo	11
36	Manuel Fernandes Borrelho	Ilha	vo	13
37	Manuel Domingues Bizarro	Ilha	vo	12
38	Carlos Augusto Pires	Felgar	Moncorvo	11
39	Moisés da Rocha Reinal	Matosi	nhos	13
40	Paulo Rodrigues Tavares	S. Lourenço do Bairro	Anadia	11
41	Trajano José Oudinot Larcher	Lei	ria	13
42	Alberto Catarino Nunes	Ilha	vo	9
43	Aura Nunes de Oliveira	Gloria	Aveiro	
44	Casimira de Jesus Pereira	Ilha	vo	12

Numeros	Nomes	Naturalidade		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
45	Conceição Martins da Silva	Cardigos	Maçãs	11
46	Flora Celeste de Pinho e Reis	Gloria	Aveiro	11
47	Izaura do Ceu Gravato	Murtosa	Estarreja	13
48	Izaura Maria Nunes de Figueiredo	S. Paulo	Brazil	13
49	Joana Pinto Bernardo	Gloria	Aveiro	13
50	Leopoldina Rodrigues Louro	Sé	C. Branco	13
51	Lidia Nobre Matans	Vera Cruz	Aveiro	11
52	Lucinda Lopes Moreira	Vale de Espinho	Sabugal	12
53	Maria Amelia Dias Gomes Pena	Soutelinho da Raia	Chaves	12
54	Maria da Conceição Gaspar	Gloria	Aveirò	10
55	Maria da Conceição R. Trindade	Gloria	Aveiro	11
56	Maria da Gloria Ferrer Antunes	Esgueira	Aveiro	11
57	Maria Henriques	Gloria	Aveiro	14
58	Maria Henriqueta Amaro Lemos	Manaus	Brazil	13
59	Maria Madalena Martins e Silva	Miranda	do Douro	11
60	Maria Victoria da Anunciação	Vera Cruz	Aveiro	12
61	Vicencia da Conceição Fonseca	Ilha	vo	11
62	Alfredo Henriques dos Santos	Gloria	Aveiro	12
63	Amadeu Fernandes Pereira	Ilha	vo	11
64	João Fernandes Matias	Ilha	vo	12
65	Amilcar Melo	Palhaça	O. do Bairro	12
66	Antonio Albano Ladeira	Santa Efigenia	S. Paulo, Brazil	13
67	Antonio da Cruz Barbosa	Avei	ro	12
68	Antonio da Cunha	Messi	nes	
69	Antonio Dias Pereira da Conceição	Vera Cruz	Aveiro	12
70	Antonio Marques Tenreiro	Gloria	Aveiro	11
71	Antonio da Silva Tavares	Gloria	Aveiro	14
72	Antonio Vieira Gomes	Gloria	Aveiro	12
73	Aristides Pereirâ Ramalheira	Ilha	vo	11
74	Armando Nobre Matans	S. Vicente	F. Castelo Rodrigo	10
75	Augusto Dantas Penha Cerqueira	Santa Clara	Coimbra	11
76	Manuel Esteves Gonçalves Costa	Lou	re	
77	Francisco Antonio da Silva Valente	Murtosa	Estarreja	11
78	João Alves Ribeiro	Santa Clara	Coimbra	11
79	Herminio dos Santos L. Moreira	Vale de Espinho	Sabugal	10
80	Izauro de Oliveira Ramalheira	Ilha	vo	13
81	João Alberto Pereira	Vale de Espinho	Sabugal	17
82	Reinaldo Ferreira Canha	Bra	zil	12
83	Rubens Simões da Silva	Vera Cruz	Aveiro	12
84	Maria Candida Rodrigues Ferreira	Cha	ves	

Relação dos alunos da 2.ª classe (2 turmas)

Numeros	Nomes	Naturalidade		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Adelino Platão Mendes Bastos	Lis	boa	10
2	Aida da Purificação Alves	Valen	ça	15
3	Alda da Silva Gonçalves	Vera Cruz	Aveiro	12
4	Adolfo Geraldes	Escalhão	F. de C. Rodrigo	13
5	Albano Vidal Faca	Catumbela	Africa	13
6	Alexandre Magno Marques Pereira	Oliveira de	Frades	13
7	Amancio Razoilo	Ilha	vo	12
8	Ana de Oliveira Sousa	B. do Burgo	Loanda	16
9	Anibal Catarino Nunes	Ilha	vo	11
10	Antonio de Almeida Silva e Cristo	Gloria	Aveiro	11
11	Antonio Cavaz	Ilha	vo	15
12	Antonio Corrêa Gonçalves	Va	gos	12
13	Antonio Ribeiro Sucena	Ague	da	13
14	Antonio dos Santos Bem	Ilha	vo	12
15	Antonio da Silveira	Coim	bra	11
16	Antonio Simões de Pinho	Aradas	Aveiro	12
17	Antonio de Sousa Maia	Oliveira do	Bairro	19
18	Baltazar Rodrigues Figueirinhas	Cambra	Vouzela	14
19	Candido C. Medina Vasconcelos	Praia	Cabo Verde	13
20	Carlos Vieira Tavares	Vera Cruz	Aveiro	17
21	Diogo A. J. L. P. de Melo Alvim	Paranhos	Porto	11
22	Diogo Vaz Couceiro da Costa	Befojos	C. de Bastos	11
23	Elias Gamelas de Oliveira Pinto	Vera Cruz	Aveiro	10
24	Elio de Freitas Sucena	Ague	da	13
25	Ernesto de Almeida Neves	Sóza	Vagos	14
26	Fernando Domingues Magano	Ilha	vo	10
27	Francisco José de São Marcos	Ilha	vo	12
28	Francisco da M. R. Machado Junior	Vera Cruz	Aveiro	10
29	Francisco da Silva Mendes	Abragão	Penafiel	12
30	Francisco Soares da Costa Gois	Vera Cruz	Aveiro	12
31	Herminia R. Dias Lima	St.º-o Velho	Lisboa	15
32	Horacio Augusto Velêz	Castelo	Branco	12
33	Ilda Gonçalves dos Reis	Guar	da	13
34	João Martins da Silva	Avei	ro	15
35	João Baptista Madail	Ilha	vo	17
36	João Natalio de Pinho	Gloria	Aveiro	14
37	Joaquim Cardoso Pereira	Ilha	vo	14
38	José Candido Mendes	Gloria	Aveiro	12
39	José Gomes de Almeida	Sou	zel	11
40	José Gomes da Silva Craveiro	Ilha	vo	11
41	José Gonçalves Vilão	Ilha	vo	11
42	José Joaquim da Costa Junior	Medelina	L.-a-Nova	11
43	José dos Santos Bartolumeu	Avei	ro	15
44	Julio Nunes de Freitas Assis	Anjeja	A.-a-Velha	12

Numeros	Nomes	Naturalidade		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
45	Julio Dias Gomes Pena	Santa Maria Maior	Chaves	14
46	Manuel Carvalho de São Marcos	Ilha	vo	12
47	Manuel da Cunha L. A. Cardoso	Gou	vêa	12
48	Manuel Francisco da Silveira	Ilha	vo	17
49	Manuel Mendes Leite Machado	Gloria	Aveiro	11
50	Manuel de Oliveira Barreto	Sôza	Vagos	12
51	Manuel Pedro dos Santos	Ilha	vo	13
52	Manuel Pereira Campos	Ilha	vo	13
53	Maria da Apresentação Nordeste	Vera Cruz	Aveiro	12
54	Maria do Ceu da Silva Leal	O	var	14
55	Maria da Conceição Fonseca	Ilha	vo	13
56	Maria José Ramiro	O	var	15
57	Olinda Migueis Bernardo	Gloria	Aveiro	11
58	Silvina Gomes da Cunha	Ilha	vo	13

Relação dos alunos da 3.ª classe

Numeros	Nomes	Naturalidade		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Alberto Faria de Queiroz	Vassouras	Brasil	17
2	Alvaro Tavares de Matos	Vila-Chã	Cambra	13
3	Angelica Lopes	Valega	Ovar	15
4	Angelo da Silva Peixe	Ilha	vo	13
5	Anibal Simões da Silva Trigueiros	Castelo	Branco	13
6	Antonio Augusto Cravo	Murtosa	Estarreja	13
7	Antonio Manuel dos Santos Pires	Felgar	Moncorvo	15
8	Armanda da Conceição Vieira	Gloria	Aveiro	13
9	Armenio Lafaiete F. de Sousa	Gloria	Aveiro	14
10	Augusto Gomes Tavares Santos	Valongo	Agueda	12
11	Augusto de Pinho Varela	Gloria	Aveiro	13
12	Belmiro Adelino Duarte Silva	Por	to	15
13	Branca Candida de Lima Peres	Vera Cruz	Aveiro	13
14	Camilo Soares de Pinho	O	var	17
15	Carlos da Naia Sarrazola	Vera Cruz	Aveiro	14
16	Eduardo Vaz Craveiro	Ilha	vo	12
17	Eurico Maria de Abreu Teles	Marrazes	Leiria	12
18	Fernando Dias de Sousa	Cepêlos	Cambra	15
19	Francisco Simões Cruz	Vera Cruz	Aveiro	15
20	Gabriel Roldão	Ilha	vo	16
21	Humberto Tavares de Matos	Castelões	Cambra	16
22	Ilda Gaspar Coelho	Ague	da	13
23	João de Oliveira e Silva	Vale Maior	A.-a-Velha	15
24	Joaquim Domingos de Lima Peres	Pi	nhel	13
25	Joaquim Francisco de Souza	Carregosa	Oliveira de Azemeis	15
26	Joaquim dos Reis	Gloria	Aveiro	13
27	José Candido Ferreira Jorge	Ilha	vo	14
28	José Simões Ruivo	Ilha	vo	13
29	José Maria Domingues Cravo	Mi	ra	16
30	Julia Leite de Almeida Batista	Murtosa	Estarreja	12
31	Julio da Cruz Almeida Neves	Cêpos	Arganil	14
32	Manuel Maria Valente Mendonça	Valega	Ovar	14
33	Manuel da Costa Azevedo	S. T. de Riba Ul	Oliveira de Azemeis	15
34	Manes Nogueira Junior	Vera Cruz	Aveiro	15
35	Marçal Ferreira Seixas	M. do Vouga	Agueda	14
36	Maria Adelaide Aleixo	Vera Cruz	Aveiro	13
37	Maria Amelia Conde Rendeiro	Murtosa	Estarreja	12
38	Maria Eduarda de Barros Miranda	Avei	ro	17
39	Maria Natalia Malaquias Pereira	Ilha	vo	11
40	Ramiro Capêlo Ribeiro Cabral	V. Nova de	Ourem	13
41	Silvio Ramalheira	Ilha	vo	12
42	Virgilio Marques Maduro	Mi	ra	18

Relação dos alunos da 4.ª classe

Numeros	Nomes	Naturalidade		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Abel Augusto Gomes de Almeida	Castelões	Cambra	14
2	Abilio Armando R. de Figueiredo	V.º do Bairro	Anadia	16
3	Ademar Dias Fernandes	Pará	Brazil	14
4	Alberto Nunes Rafeiro	Aradas	Aveiro	16
5	Alberto Lopes de Andrade	Fréches	Trancoso	16
6	Alfredo dos Santos	Pi	nhel	17
7	Alexandrina Rosa de Jesus Urbano	Vera Cruz	Aveiro	16
8	Alvaro dos Santos Esperança	S. M. do Porto	Alcobaça	16
9	Antonio Alberto Dias Costa	Esgueira	Aveiro	13
10	Antonio Luiz Moraes da Cunha	Gloria	Aveiro	14
11	Antonio de Sá Marta M. da Costa	Coim	bra	14
12	Armando de Albuquerque Miranda	Albergaria	-a-Velha	13
13	Arnaldo Francisco Pereira	V.º do Bairro	Anadia	17
14	Augusto Bilelo	Ilha	vo	13
15	Carlos Barbosa da Silva Mesquita	Se	tubal	15
16	Francisco Batista Russo	Ilha	vo	15
17	Francisco Gonçalves Andias	Gloria	Aveiro	16
18	Francisco da Maia e Moura	Eixo	Aveiro	15
19	Francisco Manuel Simões	Burçó	Mogadouro	15
20	Jaime da Silva Portugal	Murtosa	Estarreja	14
21	José Braz Alves	Va	lença	13
22	José Estrela Brandão de Campos	Vera Cruz	Aveiro	16
23	José Ferreira Tavares Vidal	M. do Vouga	Agueda	14
24	José João de Noronha	Ague	da	14
25	José Luiz da Cunha Barros	Pará	Brazil	15
26	Leonel Barbosa	Murtosa	Estarreja	21
27	Manuel Antonio Rodrigues	V.º do Bairro	Anadia	16
28	Manuel Augusto Carvalho	Gafanha	Ilhavo	13
29	Manuel C. G. Aires de Azevedo	Avei	ro	14
30	Manuel Maria Valente Martins	Valega	Ovar	14
31	Maria Eulalia Balacó	Gloria	Aveiro	13
32	Maria Henriqueta Sarabando	Va	gos	16

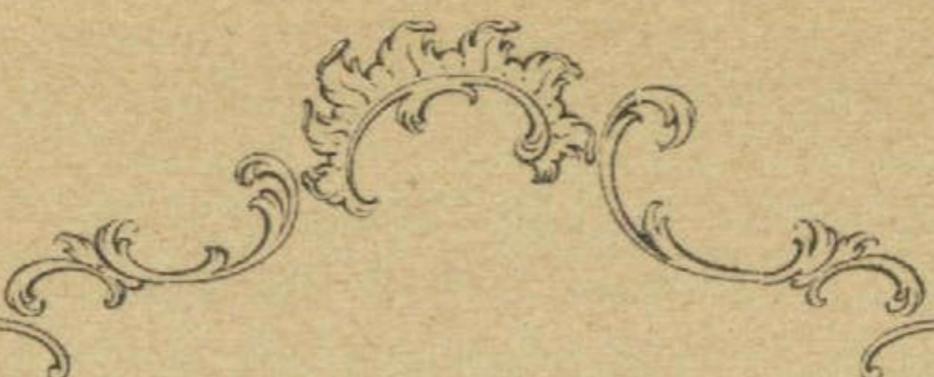
Relação dos alunos da 5.ª classe

Numeros	Nomes	Naturalidade		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Americo G. de Andrade e Oliveira	A. de Cima	Agueda	15
2	Amilcar Castanheira	Pe	nafiel	19
3	Angelina Ferrer Antunes	Semide	M. do Corvo	15
4	Antonio Amaro Lemos	Gloria	Aveiro	16
5	Arnaldo Tavares de Carvalho	Gloria	Aveiro	17
6	Augusto Marques da Cruz	Albergaria-	a-Velha	21
7	Bento Vilhegas Taborba	Canelas	Estarreja	17
8	Branca H. P. de L. V. de Carvalho	Pondá	I. Portuguêsa	15
9	Branca Nobre Matans	Al	meida	15
10	Carlos Alberto Galvão Simões	Figueira	da Foz	14
11	Edmundo Seabra Cancela	Arcos	Anadia	15
12	Francisco Albano de Melo	Ague	da	14
13	Francisco de Quadros Corte Real	Salreu	Estarreja	19
14	Francisco Ravasa Ventura	Vera Cruz	Aveiro	16
15	Horácio de Seabra Rodrigues	S.—Fogueira	Anadia	21
16	João Randolfo Vasco de Carvalho	Pondá	I. Portuguêsa	18
17	Jorge A. P. de L. V. de Carvalho	Pondá	I. Portuguêsa	14
18	José de Moraes Sarmento	Gloria	Aveiro	17
19	José Rodrigues Seabra	Tamengos	Anadia	17
20	José dos Santos Malaquias	Ilha	vo	14
21	Júlio Jorge Teixeira	Avei	ro	16
22	Manuel Amaro Lemos	Manáus	Brazil	17
23	Manuel Cardote Freire	Esgueira	Aveiro	14
24	Manuel José Domingues Peres	S. Ildefonso	Porto	16
25	Olimpia Paula S. Tiago	Gloria	Aveiro	13

Movimento da freqüência e seu resultado

CLASSES	Frequentaram				Excluídos de passagem ou de exame					Tiveram pas. ou foram adm. a exame	Fizeram a classe ou a secção		
	Pela 1.ª vez	Repetentes	Transferidos doutros liceus	Total	Transferidos para outros liceus	Por faltas	Por insuficiencia de media final	Por outras causas	Total		Em um ano	Em mais dum ano	Total
1.ª	75	9		84	3	1	19	5	28	56	50	6	56
2.ª	56	2		58	1	1	10	4	16	42	39	3	42
3.ª	41	1		42		1	5	1	7	35			
4.ª	39	1	1	41			9		9	32	31	1	32
5.ª	23	1	1	25	4		3	1	8	17			
Totais	234	14	2	250	8	3	46	11	68	182	120	10	130

Resultados dos exames

Qualidade do exame	Admitidos a exame	Adiados ou excluídos			Aprovados ou admitidos					
		Nas provas escritas	Nas provas orais	Total	Com 10 valores	Com 11 valores	Com 12 valores	Com 13 valores	Com 16 valores	Total
ALUNOS INTERNOS										
1.ª secção	35	1	9	10	14	9	2			25
2.ª secção	17		2	2	10	2	1	1	1	15
Totais	52	1	11	12	24	11	3	1	1	40
ALUNOS EXTERNOS (Exames de secção)										
1.ª secção	17	2	3	5	10		2			12
2.ª secção	9		6	6	1		1	1		3
Totais	26	2	9	11	11		3	1		15
EXAMES DE ADMISSÃO Á CLASSE										
A' 2.ª classe	16		1	1	9	5	1			15
A' 3.ª classe	7		1	1	6					6
Totais	23		2	2	15	5	1			21
EXAMES SINGULARES										
Francês, 2.ª secção	2					2				2
Sciências naturais, 2.ª secção	1				1					1
Matemática, 1.ª secção	1				1					1
Português, 1.ª secção	2				2					2
Totais	6				4	2				6

Liceu Central de Aveiro

: 1915-1916 :

ALUNA DISTINTA

em exame de 2.ª secção

Prémio de 30$00 instituido pela Caixa Económica de Aveiro e intitulado "Governador Civil Nicolau Anastácio de Bettencourt,,

Angelina Ferrer Antunes

Receita e despeza

RECEITA

— Alunos internos —

Propinas de abertura de matricula em outubro	1:429$00	
Propinas de renovação de matricula em março	1:327$00	2:756$00

— Alunos estranhos —

Propinas dos exames da 1.ª secção.	559$00	
» » » » 2.ª »	152$00	
Propinas dos exames de admissão á classe	253$00	
Propinas dos exames singulares .	72$00	
Dotação para expediente:		
Ordinaria	1:002$09	
Extraordinária	440$00	2:478$09
		5:234$09

DESPEZA

Pessoal efectivo: professores, reitor, secretário e guardas. . .	6:325$10	
Prof. interino da secção de Sciencias	514$84	
» » » » » Ginástica	168$66	
Serviço extraordinário	1:499$70	
Gratificação pelo serviço de exames em julho	373$00	
Gratificação pelo serviço de exames e n outubro	117$74	
Expediente	1:300$10	10:299$14
Deficit		5.065$05